

Discente: Guilherme Rosales Alexandre  
Curso: 3º Semestre Sistemas de Informação

BAGNO, Marcos. Procenceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007
“Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam”. (BAGNO, 2007, p. 09)
“Afim, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua.”. (BAGNO, 2007, p. 16)
“[...], a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição.”. (BAGNO, 2007, p. 17)
“Não adianta bradar contra a “invasão” de palavras na língua portuguesa sem analisar essa dependência. É querer eliminar os efeitos sem atacar as verdadeiras causas.”. (BAGNO, 2007, p. 23)
“Ora, se são dicas para brasileiros que querem escrever bem, por que motivos eles têm de se lembrar do que existe ou não existe no português de Portugal? ”. (BAGNO, 2007, p. 28)
“Por causa desse preconceito é que somos obrigados a ensinar e aprender que o “certo” é dizer e escrever Dê-me um beijo e não Me dá um beijo, e que é “errado” dizer e escrever Assisti o filme e Aluga-se casas, porque lá em Portugal não é assim que se faz. ”. (BAGNO, 2007, p. 29)
Quando se trata de língua, temos de levar em conta a quantidade: só na cidade de São Paulo vivem mais falantes de português do que em toda a Europa! Além disso, o papel do Brasil no cenário político-econômico mundial é, de longe, muito mais importante que o de Portugal. Não tem sentido nenhum, portanto, continuar alimentando essa fantasia de que os portugueses são os verdadeiros “donos” da língua, enquanto nós a utilizamos (e mal!) apenas por “empréstimo”. (BAGNO, 2007, p. 30 e 31)
“Então, não há por que continuar difundindo essa idéia mais do que absurda de que “brasileiro não sabe português”. O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles.” (BAGNO, 2007, p. 31)
“Por isso achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós.”. (BAGNO, 2007, p. 33)
“E agora? Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chicrete e pranta têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa

estava se formando”.  
(BAGNO, 2007, p. 39)

“No plano lingüístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão.”.  
(BAGNO, 2007, p. 41)

“Então, se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um ele é “normal” e na boca de outro ele é “engraçado”, [pg. 44] “feio” ou “errado”? Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive.”.  
(BAGNO, 2007, p. 42)

“[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.”  
(BAGNO, 2007, p. 44)